

## A onomástica em Plauto

*Josenir de Alcântara de Oliveira*<sup>161</sup>

Longamente praticada pelas civilizações, mas recentemente tratada com o rigor dos avanços da ciência etimológica, dos estudos histórico-comparativos, a onomástica é entendida aqui segundo Trask (2004: 212)<sup>162</sup>, para quem ela é um ramo da filologia que estuda os nomes próprios, quer referentes a nomes de pessoas (antroponímia), quer referentes a nomes de lugares (toponímia).

A prática da motivação antroponímica é antiquíssima em várias culturas, como se verifica, por exemplo, na Bíblia<sup>163</sup>, tanto no velho testamento quanto no novo:

O Senhor Deus formou, pois, o homem (heb. adam) do barro da terra (heb. adamah), e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente. (Gên. 2:7)

*“E eu te declaro: Tu és Pedro (gr. pétros), e sobre esta pedra (gr. pétra) edificarei a minha Igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.” (Mt 16:18)*

A respeito dessa relação entre a personagem e o seu nome, é digno de nota o que diz SILVA (1986)<sup>164</sup>, ao comentar sobre alguns traços estilísticos do romance do século XVIII e de quase todo o século XIX:

“O nome da personagem funciona frequentemente como um indício, como se a relação entre o significante (nome) e o significado (conteúdo psicológico, ideológico, etc.) da personagem fosse motivada intrinsecamente” (p. 705)

Como recurso estilístico literário, a antroponímia é sempre empregada pelo

---

161 (Prof. Dr. NUCLAS-DLE-UFC)

162 TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

163 BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução do Centro Bíblico Católico. 34. ed. rev. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1982.

164 AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

autor conscientemente ou, no mínimo, intuitivamente, enquanto sua percepção, por parte do leitor, dependerá do nível informacional e da capacidade de penetração nas entrelinhas da obra.

Assim sendo, objetiva-se aqui verificar até que ponto Plauto fez uso da antrponímia em *Aululária*<sup>165</sup>, isto é, avaliar a correspondência entre a análise etimológica ou semântica dos nomes das personagens e os traços de caráter e comportamentais na comédia.

Antes de se entrar no cerne do objetivo temático perseguido aqui, é mister uma síntese da comédia *Aululária* “panela”:

O avaro Euclião, protagonista da comédia, vive a reesconder constantemente uma panela cheia de ouro, encontrada na lareira de sua casa, fazendo-se passar por pobre. Tal ato de reesconder a panela constantemente assume a forma de paranóia que faz Euclião acreditar que está sempre sendo seguido e espionado por sua escrava Estáfila ou sendo vítima de conspiradores que pretendem roubar sua fortuna. A filha de Euclião, Fedra, deseja casar-se com Licônidas, filho de Eunômia, mas Megadoro, seu tio materno, sem saber da intenção do sobrinho, antecipa-se e pede a mão da moça a Euclião. Este permite o casamento, sob a condição de que o noivo, Megadoro, dispensasse-o do dote da moça, como rezava o costume romano, alegando, para isso, pobreza extrema. Estróbilo, um escravo da casa de Megadoro, rouba o ouro de Euclião, deixando-o enlouquecido. Enquanto isso, Licônidas pede a sua mãe, Eunômia, que conte ao seu irmão, Megadoro, sobre o amor entre ele e Fedra, a filha de Euclião e, mais que isso, que tal jovem espera um filho seu, no intuito de fazer com que Megadoro cedesse a favor dele. Em um encontro com o futuro sogro, Licônidas desculpa-se por ter seduzido a sua filha, o que fez com que Euclião interpretasse como *mea culpa* pelo roubo do ouro. No final, Licônidas e Fedra se casam e o ouro é restituído a Euclião, que, surpreendentemente, transforma-se em um homem generoso.

Os principais personagens que animam a comédia *Aululária* são Euclião, Licônides, Fedra, Estáfila, Congrião, Megadoro, Eunômia e Estróbilo, os quais passam a ser examinados etimológica ou semanticamente.

1) Euclião: Embora a tradição oscile entre a etimologia do gr. *eú-kléos*, “boa fama” – o que seria uma ironia, uma vez que outra fama que a de excessivamente apegado ao dinheiro não poderia caber ao protagonista

---

165 PLAUTE. *Aulularia*. Trad. de A. Ernout. 3ª ed. Paris: Les Belles Lettres, 1952.

– e a do gr. *eu-kleío*, “o que esconde, guarda, bem”, na peça, a panela cheia de ouro. Ambas as propostas são compatíveis com o papel do personagem, porém é possível - e com o mesmo grau de plausibilidade – fazer remontar o sentido de “o que esconde, guarda, bem” ao sentido primário de “o que é bem fechado”, na acepção de miserável, tacaño ou, como diria a cultura popular, “mão fechada, mão de vaca”, apesar do desfecho surpreendente da comédia, quando Euclião transforma-se em um homem generoso.

2) Licônides: O gr. *Lykonides* é formado pelos elementos *lúkon* “lobo” e *eidós* “semelhante”, isto é, “semelhante ao lobo”. Um dos símbolos do lobo – como o gavião na cultura popular brasileira – é o de ser predador que, na relação com o sexo oposto, equivale ao conquistador. O jovem, porém, não “é” lobo, mas apenas “parece” sê-lo. Essa trajetória do “ser” para o “parecer” pode ser entendida como um salto ético positivo, materializado no assumir tanto o casamento quanto a gravidez da jovem.

3) Fedra: O gr. *Pháidra* significa “brilhante”, termo que pode ser entendido como uma referência à sua beleza física e interior, o que, pela sua religiosidade, assume também um caráter de pureza, o que, aliás, era o que a cultura romana esperava de uma virgem.

4) Estáfila: No gr. *staphyle* “cacho de uva madura”, denominação que, segundo alguns, condiz com seu gosto pelo vinho. A imagem de “cacho”, porém, parece mais inclinada a passar a idéia de tenaz proximidade da criada com seu amo Euclião, mesmo que contra a vontade deste. Além de ser um “cacho” negativo para o protagonista, Estáfila é também um “cacho” positivo na perspectiva de Fedra, para quem exerce o papel de confidente, compartilhando do drama da jovem até a feliz solução.

5) Congrião: No gr. *góngros* “côngrio, um tipo de peixe intruso”, imagem, possivelmente, aproveitada por Plauto para destacar esse traço do caráter de Congrião. Além de intrometido, ele tem fama de ladrão.

6) Megadoro: No gr. *méga dôron* “grande presente”. Na peça, seu maior traço de caráter é ser, ao mesmo tempo, rico e generoso. Além de estar associado à grandeza material, o personagem mostra-se eticamente grande ao abrir mão do casamento com Fedra, a favor do seu sobrinho. Dessarte, Megadoro pode ser considerado um grande presente por Euclião, por ter um genro rico; por Fedra, por ter um marido rico; e por Licônides, por ter um tio compreensível.

7) Eunômia: No gr. *Eunómia* significa “boa ordem”, nome mítico de uma das três Horas que controlavam as estações do ano e as portas do céu. A personagem se caracteriza na comédia como uma mulher calma, de bom senso e, por isso mesmo, ponto de equilíbrio na concórdia familiar.

8) Estróbilo: No gr. *Stróbilos* “rodopiante como um pão”, nome que, segundo alguns, sugere o estado em que fica pelo seu hábito de tomar vinho. Esse nome ainda comporta o entendimento de alguém muito curioso que vive a bisbilhotar a vida alheia, sem nunca parar.

No que concerne a alguns personagens periféricos, é interessante observar-se o fato de que Plauto prefere mostrar à sua audiência o lugar modesto deles na escala social ou seu lugar de origem a ter que lhes dar um nome que os personifique, como se vê infra:

1. O cozinheiro Ánthrax: no grego, significa “carvão”, um dos componentes da cozinha;
2. A flautista Phrígia: antiga região da Ásia Menor, aproximadamente onde fica a Turquia hodiernamente;
3. O cozinheiro Dromon: derivado do verbo “correr” no grego, em alusão ao corre-corre na cozinha;
4. A flautista Eleusia: importante povoado da Ática.

Diferentemente dos demais escravos, Pitódico tem seu nome a partir do gr. *python* (serpente mítica de cem cabeças e cem bocas que guardava o oráculo da Terra na fonte de Castália, morta por Apolo Pítio, donde as associações com a profecia, a inspiração e a sabedoria, e do gr. *dikaíos* “justo”. Com a soma desses dois componentes vocabulares, Plauto identifica o citado escravo com a virtude da retidão de caráter.

Finalmente, o pai de Licônides tem o nome de Antímaco, que, em grego, quer dizer “adversário, antagonista”, o que se deve à oposição de caráter e de comportamento entre os dois.

A partir do levantamento etimológico dos personagens de Aululária, de Plauto, constata-se que seus nomes correspondem a alguma das características salientadas na comédia, quer como vício, quer como virtude.

Em decorrência dessa constatação, concorda-se com Iglesias (1981: 51)<sup>166</sup>, segundo quem “o nome representa a pessoa e define a personagem em uma dada situação. Essa identificação não é uma simples etiqueta; é a imagem do nomeado e essa imagem se confunde com ele próprio. Assim sendo, que o nome identifique e defina.”

Diante de tudo que se disse até aqui sobre o emprego do nome próprio na

---

166 IGLESIAS OVEJERO, Ángel. *Eponimia: motivación y personificación en el español marginal y hablado*. En Boletín de la Real Academia Española, tomo LXI, cuaderno CCXXIII, mayo-agosto, 1981. 299-325.

comédia *Aululária*, Plauto, com certeza, faria eco a Houaiss: “Dou-te, leitor, um enigma; dou-te, também, a chave; decifra-o, se quiseres devorar-me; e, se me devorares, uma coisa pelo menos terás: o nome próprio, caminho das gazuas da máquina do meu mundo”. (Houaiss, *apud* Machado, 1976: 7)<sup>167</sup>.

---

167 MACHADO, Ana M. *Recado do nome*. Rio de Janeiro: Imago, 1976